

# **Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN**

Associação Brasileira de Linguística  
Universidade de Brasília

Lúcia Maria Pinheiro Lobato  
Stella Maris Bortoni-Ricardo  
Ana Suelly Arruda Câmara Cabral  
Heloisa Maria Moreira Lima Salles  
Maria Marta Pereira Scherre  
Daniele Marcelle Grannier

*(Organizadores)*

2005

## **Equipe editorial**

*Coordenação e supervisão editorial* ■ Ana Suely Arruda Câmara Cabral e Sanderson Castro Soares de Oliveira

*Assistente de supervisão*

Eliete Bararuá Solano

*Editoração eletrônica* ■ Eugênio Felix Braga

*Webmaster*

Ricardo Ferreira

## **Apoio**

CNPq; CAPES; União Latina; Editora Contexto; CESPE/UnB; Secretaria de Ciência e Tecnologia para a Inclusão Social/ MCT;

Programa de Pós-Graduação em Lingüística – UnB; Departamento de Lingüística;

Línguas Clássicas e Vernácula – LIV/UnB; Laboratório de Línguas Indígenas – LALI/UnB.

## **Capa**

Rudá Cabral de M. Barros

Congresso internacional da ABRALIN (4. : 2005) / Anais do IV congresso internacional da ABRALIN. -- Brasília : [s.n.], 2005. 1600 p.

Publicação somente on-line

1. Lingüística teórica e descritiva. 2. Fonética e fonologia.
3. Teoria da gramática. 4. Línguas de sinais. 5. Línguas indígenas. 6. Análise do discurso. 7. Morfossintaxe. 8. Psicolingüística. 9. Lexicologia e lexicografia.

# CONSOANTES LENES VERSUS FORTES EM MAKUXI (KARIB).

*Carla Maria CUNHA (UFRN).*

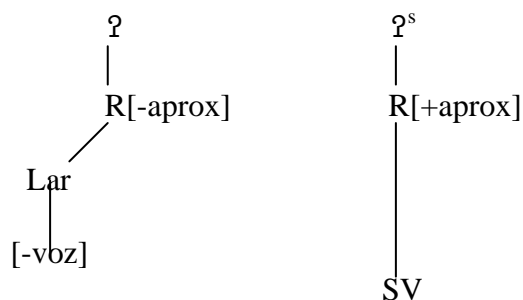
A língua Makuxi, falada pelos índios Makuxi localizados no estado de Roraima (RR),<sup>1</sup> registra um processo de ‘vozeamento’ que, segundo nossa análise, será melhor tratado por lenição das consoantes obstruintes, quando tais consoantes vierem antecedidas por um segmento que apresente em sua geometria de traços, sob o nó Raiz, o traço SV (Vozeamento Espontâneo) cujo espriamento provoca, no segmento alvo, a lenição. Ressaltamos que, para a análise que queremos fundamentar, é essencial o estabelecimento do traço SV.

Esta análise da língua Makuxi respalda-se em noções trabalhadas pelas teorias fonológicas Clássica e Geometria de Traços, tomando por referências básicas, respectivamente, Troubetzkoy (1948) e Clements & Hume (1995).

Na análise de Carson (1981), as obstruintes vozeadas, em Makuxi, foram descritas como ocorrências fonéticas promovidas pela presença ou de segmento vocálico alongado, ou de consoante obstruinte glotal, ou de consoante nasal antecedendo suas realizações; excluídos esses ambientes são produzidas as obstruintes [-voz].

A explicação desse processo de ‘vozeamento’ na perspectiva da Geometria de Traços<sup>2</sup> levou ao desdobramento do segmento obstruinte glotal [ʔ]. Houve assim o entendimento de duas consoantes fonológicas ( /ʔ<sup>s</sup>/, [+aprox] e /ʔ/, [-aprox] ) para um único registro na implementação fonética, [ʔ]) envolvidas em processos que ora possibilitam a ocorrência lenes das obstruintes, ora sua produção fortes, quando ocorrem em onset de sílaba não-inicial de palavra.

Representação dos dois segmentos [ʔ]:



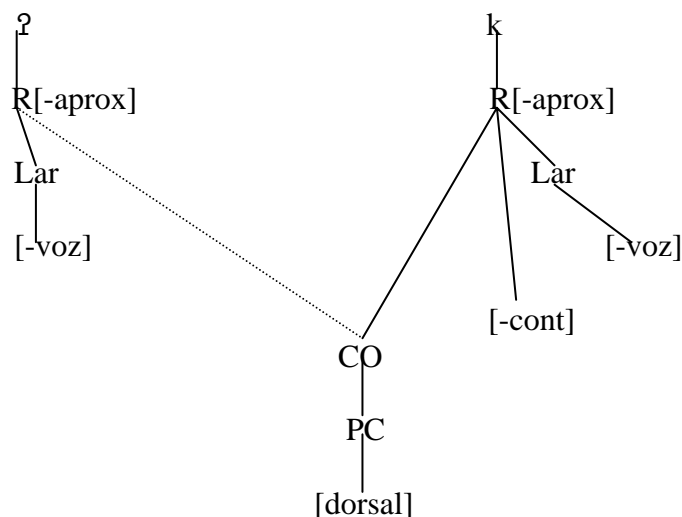
As diferentes manifestações fonéticas que passaremos a apresentar permitiram o estabelecimento da existência fonológica dos sons /ʔ/ e /ʔ<sup>s</sup>/, em Makuxi.

<sup>1</sup> Há também índios Makuxi vivendo na Guiana Inglesa.

<sup>2</sup> A Geometria de Traços adotada segue Clements & Hume (1995), salvo algumas adaptações.

Produção de consoantes geminadas, promovida pela presença da consoante /ʔ/:

/aʔkusa/ => [akkusa] ‘agulha’



A geometria dos segmentos acima mostra que o arquifonema /ʔ/ e o obstruente [-cont] possuem traços comuns que os colocam na mesma classe natural<sup>3</sup>. O espalhamento regressivo possibilita, assim, a produção de geminadas, o que na análise dos processos fonológicos será um mecanismo determinante para a realização dos segmentos obstruintes [-cont] fortes, em onset não-inicial de palavra.

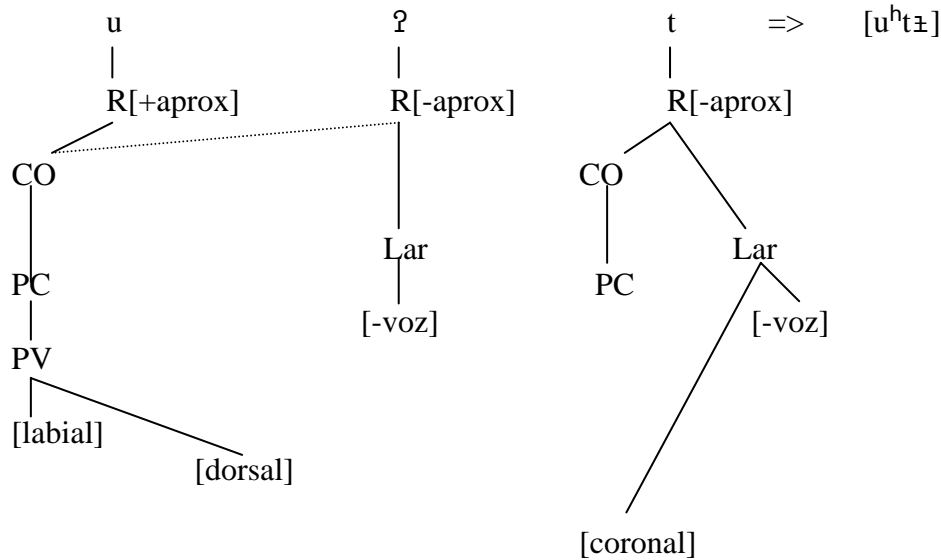
A realização de geminadas é promovida pelo ambiente cuja vizinhança de coda e de onset apresentam a seqüência de segmentos idênticos quanto ao traço [aprox] e, em seu desdobramento, há o espraiamento regressivo de CO da consoante em onset para a consoante em coda.

Mostra-se significativa nos processos que envolvem a produção das consoantes [±cont] fortes/lenes a anotação do traço [aprox] no nó Raiz, sobretudo para distinguir os dois arquifonemas, /ʔ/ e /ʔ<sup>s</sup>/, e evidenciar os processos deles decorrentes. Ressaltamos que, em relação à geometria dos traços, a especificação do traço laríngeo [-voz] é importante, em nossa análise, porque faz oposição ao traço [SV], participante da geometria dos segmentos [±cont] lenes.

Outro processo desencadeado pela presença de /ʔ/ é o de espalhamento progressivo do nó CO da vogal, tendo como alvo o nó Raiz desta consoante. O resultado deste espalhamento é a produção de uma vogal aspirada. Tal ocorrência corrobora a interpretação de que a presença de /ʔ/, em uma palavra, ocasiona processos distintos aos produzidos pela presença de /ʔ<sup>s</sup>/.

<sup>3</sup> Nossa análise determina que a língua Makuxi faz oposição entre segmentos soantes e obstruintes; e ainda que recaem em coda silábica os arquifonemas representantes das consoantes soantes orais e nasais, e das obstruintes, respectivamente, /ʔ<sup>s</sup>/, /N/ e /ʔ/, todas destituídas de ponto de articulação.

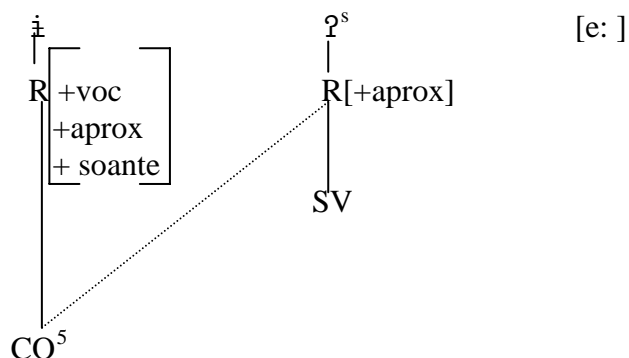
uttɛ [uttɛ] ~ [u<sup>h</sup>tɛ] ‘I go’<sup>4</sup>



Vimos anteriormente que a língua permite o espraçamento regressivo de CO da consoante em onset silábico para o nó Raiz da consoante debucalizada, em coda (que só é possível entre segmentos contíguos [-aprox]), gerando geminadas. Agora, com a representação acima, observa-se o espraçamento progressivo de CO do segmento vocálico. Neste caso, o segmento atingido (fonologicamente [-aprox], debucalizado), a depender de traços de ponto da vogal, resulta em produção aspirada (caso das vogais dorsais, como mostra o exemplo) ou palatalizada (quando há o espalhamento de traços da vogal coronal [-ant], [+distribuída]); de qualquer modo os traços [-aprox] e [-voz] permanecem. Salientamos ainda que, se a posição de /ʔ/ fosse ocupada por /ʔ<sup>s</sup>/, o espraçamento de CO do segmento vocálico promoveria o alongamento vocálico, como mostra a representação que segue:

Alongamento permitido pela presença de /ʔ<sup>s</sup>/:

/kɪsɪʔ<sup>s</sup>/ => [kɪse:] ~ [kɪseʔ]



<sup>4</sup> Dados retirados do trabalho de Carson (1981).

<sup>5</sup> Os segmentos que não sofrem restrição em um dos articuladores ativos são considerados por Clements & Hume 1995: 277) destituídos de ponto de articulação envolvendo o articulador ativo (caso do segmento /ɪ/, em

O caráter lenes do segmento /ʔ<sup>s</sup>/ promove o efeito fonético do alongamento, quer dizer, a produção vocálica co-articulada ao segmento [+aprox], destituído de ponto, é promovida pelo traço [+aprox] da consoante, que permite ao falante a possibilidade de alongar a realização da vogal que é núcleo da sílaba que integra.

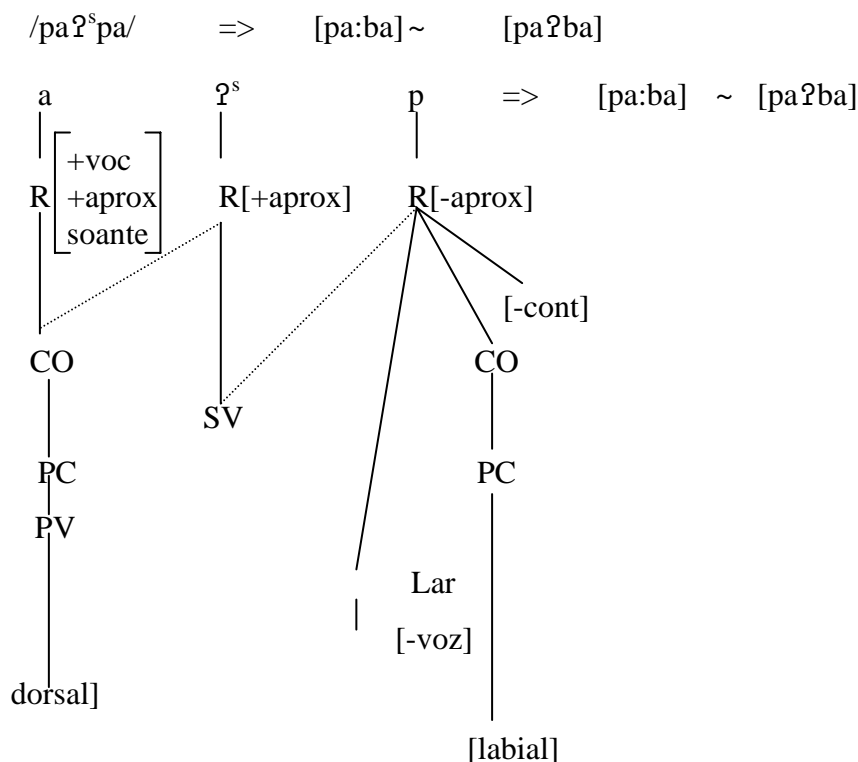
O arquifonema /ʔ<sup>s</sup>/ equivale a um glide glotal, seguindo a interpretação de Chomsky & Halle (1968), por entenderem o segmento [ʔ] como resultante de uma obstrução que não se realiza na região do trato oral. Tratam-no, conseqüentemente, como [-cons] e não apenas, mas também [-voc], por não ter as características de uma produção vocálica.

*“Vocalic sounds are produced with an oral cavity in which the most radical constriction does not exceed that found in the high vowels [i] and [u] and with vocal cords that are positioned so as to allow spontaneous voicing; in producing nonvocalic sounds one or both of these conditions are not satisfied”* (Chomsky & Halle, 1968:02).

Todo segmento que porta os traços [-cons] e [-voc] corresponde a um glide, uma das possibilidades de um som ser soante. Na Geometria de Traços aqui adotada, empregamos a especificação SV sob o nó Raiz para representar a soanticidade de segmento aproximante não-vocálico; a soanticidade das vogais (mesmo em suas variantes assilábicas) será configurada pelo traço soante preso ao nó Raiz.

Um dos ambientes de realização dos segmentos [±cont] lenes é o de onset não-inicial de palavra antecedido pelo segmento em coda /ʔ<sup>s</sup>/, [+aprox]; é esta consoante que possibilita, por vezes, o alongamento da vogal com a qual forma sílaba, além da produção da contraparte lenes dos segmentos [±cont].

Alongamento vocálico e lenição consonantal motivados pela vizinhança com /ʔ<sup>s</sup>/, [+aprox]:

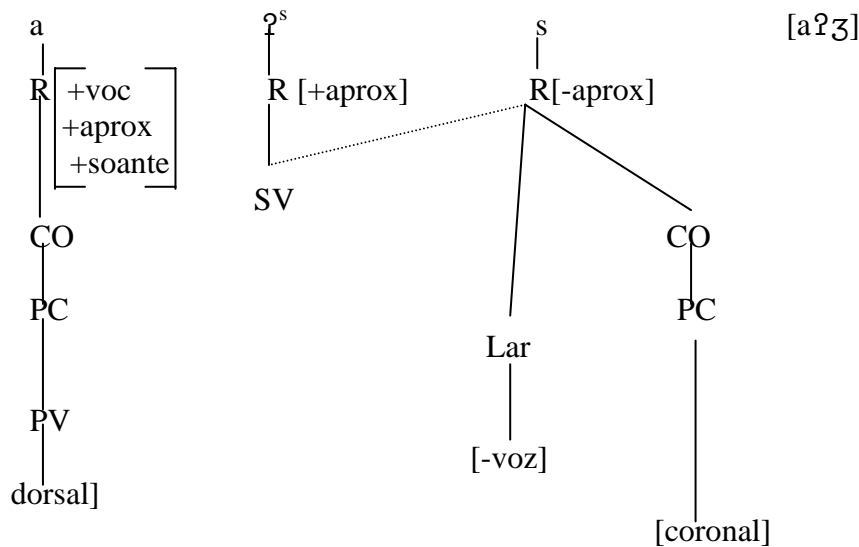


Makuxi). Kenstowicz (1994: 26) ao tratar das vogais centrais, contrasta-as com as demais pela ausência de especificação, [±], em relação ao traço [back], em nosso caso, o articulador [dorsal].

O alongamento vocálico que antecede os segmentos [ $\pm$ cont] lenes<sup>6</sup> é disparado pelo espalhamento de CO do núcleo silábico (de sílaba (C)VC) vizinho à coda preenchida pelo segmento /ʔ<sup>s</sup>/. A regra geral deste arquifonema é espalhar SV para as consoantes que não o possuem. Sendo assim, SV espalha-se e acaba por criar uma especificação 'contraditória' em um segmento, com uma geometria que comporta ao mesmo tempo os traços SV e [-voz]. A contradição é desfeita com o apagamento de [-voz], por SV se tornar mais forte, ao ter sua ancoragem em duas raízes. O seu traço [+aprox] também permite ao falante a possibilidade de alongar a realização da vogal que é núcleo da sílaba que integra, a exemplo da variação já observada: [kĩse:] ~ [kĩseʔ] 'mandioca'.

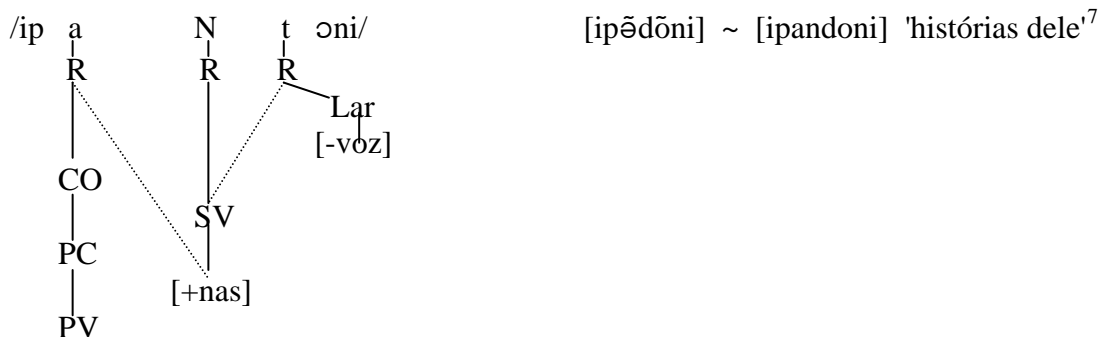
Produção de consoante lenes [+cont] após a realização de /ʔ<sup>s</sup>/:

[ðaʔʒitũ] 'vento (fraco)'



Como já vimos, a especificação 'contraditória' que constitui a geometria de traços de um segmento [-voz], ao receber espraiamento de SV, desfaz-se, com o apagamento de [-voz], em consequência da ancoragem de SV em duas raízes, o que torna esse traço mais forte.

Quando a nasal preenche a posição de coda silábica (C)VC:



<sup>6</sup> Ambiente descrito por Carson como um dos que promovem o vozeamento das obstruintes em Makuxi.

<sup>7</sup> O segundo registro fonético encontra-se na tese de Carson.

A nasalização vocálica é um indício do caráter lenes das consoantes nasais e, por conseguinte, da participação do traço SV na lenição dos segmentos obstruintes [ $\pm$ cont], quando antecedidos pelas vogais nasalizadas.

No início deste artigo ressaltamos a importância do traço SV para a compreensão dos processos distintos que ocorrem em Makuxi (lenição, geminação, alongamento vocálico), envolvendo as consoantes obstruintes [ $\pm$ cont], desencadeados sobretudo pela participação fonética de uma consoante glotal. A importância de estabelecer o traço SV em oposição ao laríngeo [-voz] é fundamental para o reconhecimento de que a ocorrência fonética [ʔ] tem, na verdade, dois representantes fonológicos: /ʔ<sup>s</sup>/ [+aprox] e /ʔ/ [-aprox].

E é a presença de SV na geometria de /ʔ<sup>s</sup>/ e das consoantes nasais que explica, por seu espalhamento progressivo, a lenição das obstruintes em Makuxi, inclusive da variação registrada na fala Makuxi, que ora apresenta em um mesmo ambiente e em mesma posição a realização de [ʔ], ora a realização do alongamento vocálico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBOTT, Miriam. 1991. Macushi. In: Desmond C. Derbyshire; Geoffrey K. Pullum (Eds.). *Handbook of Amazonian Languages*. New York: Mouton de Gruyter, v. 3, p. 23-159.

CARSON, Neusa M. 1981. *Phonology and morphosyntax of Macuxi (Carib)*. 196f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Department of Linguistics, University of Kansas.

\_\_\_\_\_. 1983. Recentes desenvolvimentos em Macuxi (Caribe). *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, v.4, p.89-104.

CHOMSKY, Noan; HALLE, Morris. 1968. *The sound pattern of English*. New York: Harper & Row.

CLEMENTS, G. N.; HUME, Elizabeth V. 1995. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. (Ed.). *The handbook of phonological theory*. Cambridge, MA: Blackwell, p. 245-306.

CLEMENTS, G. N.; KEISER S. J. 1983. *CV Phonology: a generative theory of the syllable*. Cambridge, MA: MIT Press.

CLEMENTS, G. N. 1991a. Vowel height assimilation in Bantu languages. *Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory*, v. 5, p. 37-76.

\_\_\_\_\_. 1991b. Place of articulation in consonants and vowels: a unified theory. *Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory*, v. 5, p. 77-123.

\_\_\_\_\_. 1990. The role of the sonority cycle in core syllabification. In: KINGSTON, J.; BECKMAN (Eds.). *Papers in laboratory phonology I: between the grammar and physics of speech*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, p. 283-333.

CUNHA, Carla Maria. 2004. *Um estudo de fonologia da língua Makuxi (Karib): inter-relações das teorias fonológicas*. 191f. Tese (Doutorado em Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Unicamp.



- D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. 1998. *Traços de modo e modos de traçar geometrias: línguas Macro-Jê & teoria fonológica*. 420f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Unicamp.
- GOLDSMITH, John A. 1990. *Autosegmental & metrical phonology*. Massachusetts: Blackwell.
- \_\_\_\_\_. (Ed.). 1995. *The handbook of phonological theory*. Cambridge/MA: Blackwell.
- HAYES, Bruce. 1995. *Metrical stress theory. Principles and case studies*. Chicago: Chicago University Press.
- HOLTON, Gary. 2001. Fortis and lenis fricatives in Tanacross Athapaskan. *IJAL*. Chicago, v. 67, n. 4, p. 396-414, oct.
- HYMAN, Larry M. 1981. *Fonología*. Tradução de Rafael Monroy Casas. Madrid: Paraninfo.
- JAKOBSON, Roman; HALLE, Morris. 1976. Tenseness and laxness. *Preliminaries to speech analysis. The distinctive features and their correlates*. Cambridge, MA: Mit Press, p. 57-61.
- KAHN, Daniel. 1976. *Syllable – based generalizations in English*. Bloomington: IULC.
- KENSTOWICZ, Michael. 1994. *Phonology in generative grammar*. Massachusetts: Blackwell.
- LADEFOGED, Peter; MADDIESON, Ian. 1996. *The sounds of the world's languages*. Massachusetts: Blackwell.
- McCARTHY, Jonh J. 1988. Feature geometry and dependency: a review. *Phonetica*. n. 43, p. 84-108.
- MORAES, João Antônio de; WETZELS, W. Leo. 1992. Sobre a duração dos segmentos vocálicos nasais e nasalizados em português. Um exercício de fonologia experimental. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, v. 23, p.153-166, jul/dez.
- PIGGOTT, G. L. 1992. Variability in feature dependency: the case of nasality. *Natural Language and Linguistic Theory*. Netherlands, v. 10, p. 33-77.
- RICE, Keren D. 1993. A reexamination of the feature [sonorant]: the status of 'sonorant obstruents'. *Language*. v. 69, n. 2, p. 308-344, june.
- RICE, Keren D.; AVERY, Peter. 1989. Segment structure and coronal underspecification. *Phonology*. n. 6, 179-200.
- SAGEY, Elizabeth Caroline. 1986. *The representation of features and relations in non-linear phonology*. PhD Dissertation – Cambridge, MA: MIT.
- SELKIRK, E. 1982. The syllable. In: HULST, H.; SMITH, N. (Eds.). *The structure of phonological representations*. Dordrecht: Foris, p. 337-383.
- \_\_\_\_\_. 1984. On the major class features and syllable theory. In: ARONOFF, M.; SPENCER, Andrew. 1996. *Phonology*. Massachusetts: Blackwell.
- TROUBETZKOY, N. S. 1948. *Principes de phonologie*. Tradução de J. Cantineau. Paris: Ed. Klincksieck.